



Aids: a prevenção é o único remédio

É uma das doenças que mais mata no mundo. Só este ano, a Aids matou 3 milhões de pessoas

A aids é uma doença causada pelo vírus HIV, que ataca o sistema imunológico, fazendo com que a pessoa fique mais vulnerável a outras infecções. Isso acontece porque o HIV destrói os glóbulos brancos do sangue, que são os responsáveis pela defesa do organismo. É por isso que se diz que ninguém morre da aids propriamente dita, mas das doenças que o corpo, enfraquecido, contrai, como

pneumonia, tuberculose e meningite, por exemplo.

O HIV vive no sangue e nas secreções dos infectados – que são chamados de soropositivos.

É transmitido por relações sexuais sem camisinha, transfusões de sangue ou compartilhamento de seringas (no caso de quem usa drogas injetáveis), e de mãe para filho, durante a gravidez, no parto ou amamentação.

Não existe cura para aids. O que a medicina já conseguiu desenvolver são remédios que vão impedir que a quantidade de vírus no organismo se multiplique rapidamente, retardando, assim, o desenvolvimento da doença. Estar contaminado pelo HIV não significa, portanto, estar doente de aids. Mas para que o paciente tenha mais chances de sobrevivência, é necessário que a presença do HIV seja diagnosticada o quanto antes. Daí a importância de se fazer o teste.

A pessoa que sabe que está com vírus deve tomar mais cuida-

do para não infectar outras pessoas e também para não se reinfectar. Um soropositivo que mantém contato com outro, em situações de risco (ver tabela) pode aumentar a carga viral e desenvolver a doença mais rápido.

Só este ano, mais de 3 milhões de pessoas em todo o mundo morreram em decorrência da aids e outras 5 milhões contraíram o vírus HIV. A situação é alarmante principalmente nos países da África, onde 28 milhões são soropositivos, e não há políticas de prevenção e tratamento.



Como se proteger do vírus?

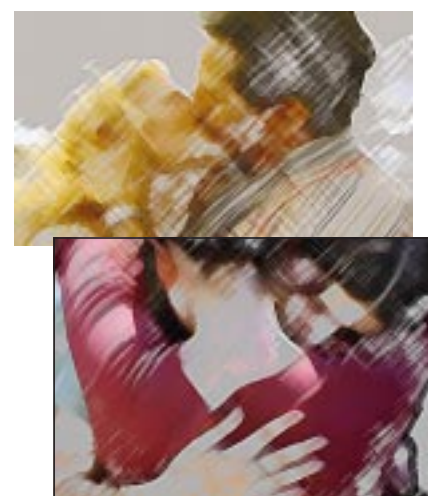
A melhor maneira de prevenção é não se submeter a nenhum comportamento de risco, ou seja, a situações que expõem as pessoas ao vírus HIV. Por isso, é fundamental fazer sexo com camisinha e não compartilhar seringas e agulhas. No caso das mães infectadas, fazer o pré-natal aumenta as chances de o bebê nascer saudável.



Assim não pega!

Beijar, abraçar ou conviver com um soropositivo não expõe ninguém ao HIV e nem à aids. A desinformação faz com que o preconceito cresça. Muitas vezes os amigos e a família se afastam das pessoas que têm o vírus ou já desenvolveram a doença.

Não se pega AIDS no ônibus, no banheiro, no trabalho, bebendo no mesmo copo ou comendo no mesmo prato.



A aids no Brasil

De acordo com o Ministério da Saúde, os casos de aids registrados no País nos últimos 20 anos ultrapassam os 277 mil. Além disso, estima-se que 600 mil brasileiros são portadores do HIV, e desses, 400 mil ainda não sabem que foram contaminados. Por isso a importância do teste, que impede a propagação do vírus e aumenta as chances de sucesso do tratamento.

Cerca de 85% dos casos de aids são transmitidos por relações

sexuais. O governo pretende investir na distribuição de camisinhas e ampliar as campanhas educativas nas escolas.

O programa de tratamento e prevenção à aids do Brasil é reconhecido como um dos melhores do mundo.

Todos os medicamentos necessários são distribuídos de graça nos postos de saúde.

Mesmo assim, metade dos soropositivos morre todos os anos.



Todos os dias, 14 mil pessoas são infectadas pelo vírus da aids em todo o mundo. A maioria vive em países pobres. Dos 40 milhões de portadores de HIV, 2,5 milhões são crianças.

INFORME-SE



Jornal do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do ABC - Ano 2 - Dezembro de 2003 - Nº 5

Com as parcerias o MOVA cresce e aparece

Além da ajuda financeira, dois parceiros contam como é que a iniciativa privada contribui com o MOVA. Outra importante parceria pode ser feita com o Brasil Alfabetizado, programa do governo federal que pretende alfabetizar 10 milhões de pessoas.

Páginas 4 e 5



Dos bancos escolares para o mundo da pintura



Conheça a história de Dona Zaíra que, ao descobrir as letras, descobriu também a pintura.

Página 8

Também nesta edição

Trocando papéis. Antes, aluna; hoje, professora.

Página 3

Movação abre espaço para novos talentos.

Página 6

Cidades se unem e montam o MOVA/Sudeste.

Página 4

Aids não tem cura. Prevenção é o único remédio.

Página 8

O ano de 2003 foi repleto de desafios e realizações. Algumas delas, de grande significado, estão expostas nesta edição do nosso Jornal.

A consolidação da OSCIP do MOVA ABC, a reafirmação das parcerias, o início de articulação do MOVA/Sudeste, as realizações dos MOVAs nas cidades do Grande ABC, seguem promovendo, realizando e deixando a marca da Cidadania, princípio fundamental de nossa existência enquanto Movimento.

O ano que vem se aproxima cheio de perspectivas, desafios e inquietações.

Temos o compromisso de ampliar o atendimento às pessoas não alfabetizadas; vamos realizar o convênio com o Brasil Alfabetizado, sem perder nossas características; buscaremos novos parceiros da iniciativa privada; fortaleceremos a organização do MOVA Sudeste; realizaremos, no primeiro semestre, o 4º Seminário Regional do MOVA ABC e participaremos do 4º MOVA Brasil, que será realizado no mês de junho em Mato Grosso do Sul.

Muito foi feito, muito há que fazer, só possível graças ao esforço coletivo de muitos, comprometidos em transformar nossa sociedade em uma sociedade onde todas as pessoas sejam cidadãs de fato.

Queremos aproveitar esse editorial para parabenizar a todos aqueles e aquelas, educadoras e educadores, educandas e educandos do MOVA, às equipes técnico-pedagógicas e coordenações do MOVA, às secretárias e secretários de Educação de cada cidade, que fazem o MOVA acontecer.

Tenham uma boa leitura e reflexão!

Educador e educando:

Mandem suas sugestões para o Informe-se.

Este jornal é seu!

MOVA inaugura OSCIP



No dia 08 de setembro, o MOVA inaugurou a OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) do movimento, com a presença da coordenação, parceiros e educadores na Sede do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, em Santo André. A educanda Alcisa Pereira do Santos (na foto, com o microfone), do MOVA/Diadema, se apresentou durante a cerimônia, cantando a música que compôs para o movimento

MOVA abre núcleos em casas de recuperação terapêuticas

No final de outubro, foi aberta a primeira sala do MOVA/Ribeirão Pires que pretende alfabetizar pacientes com transtornos mentais moderados.

Integrado com profissionais de Psicologia e Terapia Ocupacional, o trabalho dos educadores é realizado dentro das casas de recuperação terapêutica, que abrigam mulheres em tratamento de distúrbios mentais, antes centralizado no Hospital Psiquiátrico.

O novo núcleo atende pa-

cientes de duas casas na Vila Suíça, e até o final do ano está prevista a abertura de outro, no Barro Branco. O objetivo é usar a educação como recurso terapêutico e meio de inclusão social. As aulas não são restritas aos pacientes das casas e qualquer pessoa interessada pode se matricular.

“O contato do paciente com a comunidade é fundamental para sua inserção e reabilitação”, explica Vania Padovani, do MOVA/Ribeirão Pires.

Mauá quer chegar a 180 salas no ano que vem

Graças ao convênio firmado com a Igreja Adventista de Mauá, o MOVA conseguiu ampliar o número de salas de 54 para 76 na cidade, só em 2003.

E a busca de parcerias não pára: o objetivo é iniciar o próximo ano letivo com 180 turmas. Entre os possíveis parceiros está o Brasil Alfabetizado, programa do governo federal que incentiva projetos de educação de jovens e adultos com o objetivo de erradicar o analfabetismo no país.

Desde agosto, o MOVA/Mauá vem se preparando para ampliar o número de salas.

Durante o segundo semestre, mais de 200 pessoas passaram pelo curso de formação, que inclusive capacitou educadores para alfabetizar portadores de deficiência auditiva.

Fale com o MOVA

Santo André	Ana Maria ou Nívea - 4438-2423
São Bernardo	Marcia Rita - 4332-8088
Diadema	Elisabete Marques - 4072-7007
Mauá	Luzia Fagundes - 4555-7666
Ribeirão Pires	Vania Padovani - 4828-9700
Rio G. da Serra	Valéria ou Alexandra - 4820-1907
Asses. Regional	Luiz Soares - 4128-4200

Publicação do Movimento de Alfabetização Regional do ABC

Coordenação Regional: Tarcísio Secoli Redação: Rua João Basso, 231 - Centro - São Bernardo CEP: 09721-100 - Fone: 4128-4200 - Fax: 4127-6794

E-mail: movaabc@smabc.org.br Reportagem e textos: Ilénia Negrin. Edição: Sílvia Berengani, Imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. - Fotos: Raquel Camargo e Januário F. da Silva. Projeto Gráfico, Diagramação e Fotolito: Interarte Comunicação S/C Ltda. - Fone: 4127-4888. Impressão: Gráfica e Editora FG - Fone: 4127-4888 - Tiragem: 10.000

As lembranças de Dona Zaira



Aluna do MOVA/Santo André usa pincel e tinta para escrever uma nova história

Ela fecha os olhos diante da tela em branco, que espera as primeiras pinceladas, e se vê ainda menina, brincando no sítio dos pais, em Jaboatão, Pernambuco. Consegue sentir a brisa que vinha do mar da Praia de Boa Viagem, enquanto pegava caranguejos e observava o vai-e-vem das ondas e dos pequenos barcos à vela. O exercício de revirar a memória faz com que Dona Zaira já saiba o quê e como vai pintar assim que abre os olhos.

“Na pintura, revivo um pouco minha vida. É como se estivesse dentro de cada tela que pinto”, explica. O mar, o sol e os barcos são temas presentes na maioria dos quadros de Dona Zaira, que nasceu no interior do nordeste.

Hoje aos 56 anos, ela conta que as tintas, pincéis e telas entram em sua vida por acaso. Mas diz que a história começou bem antes, quando se matriculou nas aulas de ginástica oferecidas gratuitamente na EMEI perto de sua casa. Foi exercitando o corpo que ela ficou sabendo das turmas do MOVA que seriam abertas na mesma escola, à noite. “Faz uns quatro anos que estou estudando”.

E foi aprendendo as letras que descobriu a pintura. “Um dia, a professora avisou que um professor daria aulas de pintura no período da tarde. Nem dei bola praquilo. Mas, como minhas amigas iam, fui também. Pinte minha primeira tela sem saber o porquê, não gostava de arte”.

Depois de pintar o primeiro quadro, que já trazia a paisagem típica das praias do Recife, Dona Zaira não parou mais. Há um ano “pegou firme na pintura” – como gosta de reforçar – e faz aulas com o mesmo professor que lhe colocou na frente do cavalete naquela tarde que ela acreditava ser igual a todas



Dona Zaira exibe algumas de suas telas, que decoram as paredes da casa da filha

as outras. “Não sei como, mas comecei a sentir uma vontade enorme de pintar. Se pudesse, passaria dia e noite pintando. A pintura me deixou mais inteligente”.

As paredes da casa de Rita, a

filha que mora vizinha, abrigam a maioria das 17 telas produzidas por Dona Zaira, que pretende aumentar a produção para, em breve, expor os trabalhos. Uma de suas maiores incentivadoras, Rita afirma que

a vida da mãe mudou completamente depois dos estudos e da descoberta do trabalho artístico. “Antes, ela era reclamona, só ficava em casa. Agora é mais segura, independente. Vive sorrindo”.

“Aprendi a ser gente”

Dona Zaira nunca havia entrado numa escola até conhecer o MOVA. Só sabia escrever o nome, aprendido quando trabalhava em casas de família, no Recife. Tinha vergonha de colocar o polegar no lugar da assinatura, e pediu que a patroa escrevesse seu nome num pedaço de papel, para que treinasse a escrita. “Um dos meus sonhos era aprender a ler. No MOVA, aprendi a ser gente”.

Não só o estudo faltou para Dona Zaira nos tempos em que vivia em Pernambuco. Órfã de pai e mãe desde os cinco anos, foi criada pelos irmãos mais velhos, e muitas vezes tinha de fu-

gir dos maus tratos da família. “Nunca tive amigos, uma boneca que seja, uma infância. Trabalhei desde os 10 anos. Comia areia, barro e restos que catava no lixo, pra não morrer de fome”.

Tudo era novidade quando chegou a São Paulo, em 1965, com 17 anos. A começar pela cama: nunca dormira numa, só no chão de terra batida. Casou-se logo, e com o primeiro marido teve seus cinco filhos.

Há 30 anos mora em Santo André, na mesma casa simples e cheia de árvores, e se casou de novo. É popular no bairro, por ser uma das mais antigas, e também pelo jeito falante e extrovertido. Foram os amigos que fez na cidade

que a batizaram de Zaira. Do nome com que foi registrada, Jair Maria de Souza, ela quase nem se lembra. E é com o apelido que assina suas telas.

Dona Zaira se emociona ao falar da infância e juventude difíceis passadas em Pernambuco. Mas demonstra orgulho por conseguir driblar o destino e reescrever sua história. “O MOVA dá vida pra quem quer e tem vontade”. Não pode apagar a memória dos dias mais duros, mas para os quadros ela só transfere as boas lembranças, como o azul do mar ou a imagem dos cavalos que lhe faziam companhia no sítio dos pais. Em cores cheias de vida.

Dia de artista

Santo André exhibe talentos no 1º Encontro dos Alunos do MOVA



Público acompanha as apresentações realizadas no palco do Ipiranguinha, em Santo André

A criança apontou a samambaia feita com tirinhas de garrafa plástica e disse, orgulhosa: “Olha, foi a vovó quem fez”. Cenas como essa foram comuns no dia 18 de outubro, quando os alunos do MOVA/Santo André puderam ver – e mostrar – as habilidades artísticas desenvolvidas dentro e fora da sala de aula. O 1º Movação – Encontro dos Alunos do MOVA, realizado no Parque Ipiranguinha, contou, além da mostra de artesanato, com as apresentações de teatro e música. Sempre tendo os alunos como protagonistas.

O mecânico de automóveis Isaac Leite da Silva, de 36 anos, foi um dos que subiram ao palco do encontro. Nas mãos, em vez das ferramentas que manuseia todos os dias, levava um objeto delicado e de som suave: o clarinete. Explicou

as características do instrumento, tocou trechos de canções de diferentes estilos, e deixou o palco sob os aplausos da plateia, para depois ganhar abraços dos filhos, que acompanhavam a apresentação.

Isaac começou a pegar gosto pela música aos sete anos, por influência do pai, que era militar e tocava clarinete na banda do Exército. “Via meu pai tocar todas as noites, logo que chegava do quartel. Aí fiquei curioso e comecei a tentar aprender, sozinho mesmo”.

Autodidata, não demorou para que começasse arrastar alguns sons, até aprender a decifrar as notas das partituras. Em idade escolar, passou a frequentar as aulas do antigo primário, mas desistiu no terceiro ano. “Estudava amarrado, não gostava de lá”. Na época, trocou os bancos da escola pela oficina mecânica, uma

de suas paixões. O primeiro motor – de um Fusca – ele conseguiu montar sozinho aos 12 anos.

“Como não tinha o estudo, tinha que observar o que os outros faziam e depois tentar fazer igual. Engasgava para ler e para escrever, e isso me atrapalhava um pouco. Sabia até ler partitura musical, mas fazer uma conta de matemática era muito difícil. Assim fui levando”.

Casado e pai de quatro filhos, Isaac voltou a estudar há um ano, por incentivo dos filhos. A esposa, que também não havia estudado, comprou a idéia e hoje o casal assiste junto às aulas do MOVA na Igreja São Geraldo. Mesmo com a rotina corrida, dividida entre o trabalho na oficina e o estudo, ele não abandona o clarinete. Nos finais de semana, participa dos ensaios da Banda Lira, grupo em que toca há

10 anos, além das aulas de música no conservatório.

Mais conhecimento

“Depois que entrei no MOVA, passei a enxergar mais coisas. Tenho mais conhecimento. Hoje sou melhor músico e melhor mecânico”, afirma Isaac, que recentemente comprou uma coleção de livros sobre música clássica.

Além da apresentação de clarinete, ele ainda expôs dois relógios que confeccionou a partir de calotas de carro, pintados à mão, e que estavam pendurados ao lado da baraca montada para abrigar os quadros de Dona Zaíra, outra “aluna revelação” do MOVA (ler matéria ao lado). Teve gente que quis levar os relógios e os quadros para casa. “Antes eu achava que esse tipo de coisa não tinha valor. Aprendi a valorizar o meu trabalho”.

Para além do be-a-bá

O 1º Movação encerrou um mês de atividades especiais em Santo André. Durante o período, o poeta cearense e cantor popular Costa Senna percorreu as salas do MOVA para apresentar aos alunos uma maneira diferente – e irreverente – de trabalhar as palavras: o cordel.

Costa Senna transformou em versos cantados temas como gramática, história do Brasil, geografia, matemática e ecologia. Para ele, o contato dos alunos com a poesia enriquece e facilita o aprendizado das pessoas. “Foi gratificante. Parecia que todos estavam com fome de poesia. E era como se a poesia já estivesse neles. Só preci-

savam descobrir”.

De acordo com Antônio Balbino, diretor da Secretaria de Educação da Prefeitura de Santo André, as aulas com Costa Senna e a mostra exemplificam bem a filosofia do movimento, que não limita o processo de alfabetização ao aprendizado formal.

“O MOVA quer fazer uma integração do aluno com o mundo em que vive. Alfabetizar não teria sentido se os alunos não se sentissem engajados, responsáveis por uma transformação. Com mais liberdade, cria-se espaço para que talentos apareçam”. Quem foi ao Ipiranguinha naquele sábado ensolarado, pôde vê-los de perto.



Isaac, o clarinetista que lia partituras com mais facilidade que os livros

Trocando os papéis

Há seis anos, Maria Frutuoso entrou no MOVA para estudar. Hoje, é educadora em Ribeirão. Pires

“É nos livros que a gente encontra a liberdade”, disse a educadora, ao dar início a mais uma aula do MOVA na Escola João Midolas, em Ribeirão Pires. A classe ouviu atenta as palavras de Maria Frutuoso, e entende o recado. Todos ali conhecem bem a história da mulher de 47 anos que hoje chama de professora.

Antes de ensinar, ela foi aluna do MOVA e faz questão de contar aos educandos todos os passos que deu até chegar ali. “Digo a eles que se eu consegui, eles também são capazes de aprender.”

Mostro meus cadernos da época em que fui aluna, para que vejam que é possível evoluir. Cheguei ao MOVA na mesma situação que eles”, conta.

Maria trabalhava como costureira numa fábrica de bolsas e cintos, e perdeu a oportunidade de ser promovida porque não tinha estudo.



No detalhe, Maria Frutuoso, que já ocupou um lugar nas carteiras e hoje comanda as aulas, foto abaixo

Nascida em Juazeiro do Norte, interior do Ceará, ela havia frequentado a escola só até a terceira série. Era capaz de reconhecer algumas palavras, entendia muito pouco do que lia e tinha dificulda-

des para escrever. No meio do sertão nordestino, tinha de ajudar os pais na roça para garantir o sustento dos seis irmãos. “Comecei a trabalhar na roça desde o dia em que meu corpo

já agüentou carregar meio quilo de milho”.

Mãe de três filhos, ela se sentia envergonhada por não poder ajudá-los nos deveres de casa. Dizia que não tinha tempo.

Mas na verdade, não sabia como orientá-los. Uma vizinha disse que se matricularia nas aulas do MOVA, e convidou Maria. “Dei uma desculpa qualquer, falei que não tinha tempo. Achava que não conseguiria acompanhar as aulas.”

Quando decidiu que era hora de voltar a estudar, encontrou o filho mais velho nos corredores da escola, onde também era realizado à noite o ensino formal. “Ele ficou com cara amarrada, disse que estava com vergonha de me ver ali, sendo alfabetizada na mesma escola em que estudava.” Mas ela não desistiu.

Quatro anos depois...

Encerrado o primeiro semestre de aulas no MOVA, Maria foi uma das cinco selecionadas com condições de ingressar no supletivo. Resolveu tentar, mesmo duvidando de que um dia concluiria os estudos. Resultado: terminou o ensino básico, cursou o ensino médio também em regime supletivo. Ainda se formou técnica em contabilidade e ingressou no curso de Magistério, que deve concluir no final deste ano.

Maria se lembra do dia em que entrou novamente numa sala do MOVA, dessa vez como

educadora, quase quatro anos depois de assistir sua primeira aula como aluna: 8 de outubro de 2001. “Fiquei muito emocionada”. E não pára de fazer planos, todos voltados para continuar estudando. Ela quer prestar vestibular para o curso de Letras, mas faz uma única exigência. “O curso tem que ser de manhã. À noite eu já tenho compromisso”, diz, com bom humor. “Enquanto houver quem precise da minha ajuda, continuarei no MOVA. Aqui conquistei minha felicidade. O saber é tudo”.

Enquanto Maria esperava a chegada dos alu-

nos, um pouco atrasados por causa da chuva e do frio que fazia na noite em que a reportagem visitou a escola, um deles disse no fundo da classe: “Ela é um exemplo para gente”. Um pouco tímida com o elogio, a educadora começou a escrever as primeiras palavras na lousa e logo as carteiras foram sendo ocupadas. Iniciou a aula falando da importância dos livros e da persistência nos estudos. E completou, antes de ir embora: “Sem a leitura, é como se fôssemos cegos.”



Brasil Alfabetizado pode ajudar MOVA a crescer

Governo patrocina iniciativas em todo o País. O objetivo é alfabetizar 10 milhões até 2006

Para ampliar o atendimento à população não alfabetizada do Grande ABC, o MOVA – que hoje conta com 448 salas na região – pretende captar recursos do governo federal. “A proposta da OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), o MOVA ganhou respaldo jurídico, o que facilita as parcerias com o setor privado por dar maior transparência às suas contas. E também dá espaço para que os parceiros interfiram diretamente nas ações do movimento, ao participarem do Conselho Fiscal da OSCIP.

Lançado em setembro, o programa do governo federal quer superar os indicadores de analfabetismo no País até 2006. A estratégia do governo para alfabetizar quase 10 milhões de brasileiros é realizar parcerias com projetos de educação

de jovens e adultos que já existem, para que possam estender suas ações com recursos federais.

Se aprovado pela Secretaria Extraordinária para a Erradicação do Analfabetismo – a SEEA, ligada ao Ministério da Educação – o projeto destina, por mês, R\$ 80,00 para a capacitação de cada educador e R\$ 15,00 por aluno. De acordo com a diretora do Departamento de Estudos, Acompanhamento e Avaliação da SEEA, Jeanete Beauchamp, centenas de iniciativas já conseguiram a liberação da verba. “Hoje, os convênios assinados possibilitam o atendimento a mais de um milhão de jovens e adultos

por todo o País”, afirma.

A SEEA adotou o prazo médio de seis a oito meses como suficiente para que uma pessoa seja alfabetizada. É durante esse tempo que o projeto contemplado receberá o dinheiro para manter a sala funcionando, podendo em seguida renovar o convênio com a inscrição de novos alunos.

“Os governos estaduais, municipais, ongs, instituições e universidades apresentam seus projetos dentro desse critério. Entendemos que são projetos iniciais de alfabetização, e que a consolidação desse processo será garantida com a continuidade dos estudos”, explica

Jeanete.

Segundo a diretora, por respeitar a diversidade cultural e regional do País, o governo não adotará um modelo único e próprio de alfabetização. Mas garante que isso não impede que sejam estabelecidos critérios para avaliar o desempenho dos projetos e evitar o desperdício de dinheiro público. “Analisamos tecnicamente todas as propostas de convênio e verificamos, entre outros aspectos, qual a concepção pedagógica aplicada. Podemos sistematizar essa diversidade com base em critérios comuns para o Brasil Alfabetizado ser aprimorado”, conclui.

MOVA/Sudeste quer fortalecer a participação popular na alfabetização

Reunir todos os MOVAS de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo para unificar ações, trocar experiências e, principalmente, fortalecer a participação popular na luta pelo direito à alfabetização. São esses os objetivos do MOVA/Sudeste, articulado durante o 3º Encontro Nacional de MOVAS, em Goiânia, no início de agosto.

O MOVA/ Regional ABC foi escolhido para coordenar o grupo, que até agora conseguiu unir as cidades de São Paulo, Guarulhos, Embu e Ribeirão Preto, além dos municípios da região. De acordo com Luzia Fagundes, do MOVA/Mauá, os encontros periódicos com outros MOVAS ajudará na ampliação do movimento. “É importante conhecer outras realidades, experiências pedagógicas e modos de gestão.”

O próximo desafio é esta-

belecer contato com os outros estados. Até agora, o MOVA/Sudeste representa um universo formado por quase 47 mil alunos e mais de duas mil salas. (veja tabela ao lado).

Para Ângelo Gomes, do MOVA/Ribeirão Preto, as discussões feitas pelo grupo dão força ao movimento à medida que os fóruns municipais de alfabetização ganham fôlego. “Em muitas cidades em que o MOVA conseguiu se estabelecer, as prefeituras transformaram o movimento num apêndice barateado do EJA (Educação de Jovens e Adultos), por causa da falta de participação popular”, explica.

Ele afirma que o MOVA não pode permitir que o poder público defina os rumos do movimento. Mas também não deve assumir sozinho a responsabilidade pela alfabetização. O ideal é equilibrar as forças, por meio de parcerias. “O processo de alfabetização não pode se desligar das bases populares.

Os números da Região

Cidade	salas	educandos
São Paulo	1.300	33 mil
Santo André	114	2.016
São Bernardo	70	1.395
Mauá	74	1.380
Diadema	108	1.900
Ribeirão Pires	53	940
Rio Grande da Serra	29	730
Guarulhos	250	3.500
Embu	45	1.025
Ribeirão Preto	60	1.000
totais	2.103	46.886

Nosso papel é organizar as demandas e reivindicar do governo que ele se comprometa em garantir o estudo. O estado deve bancar os custos e a capacitação dos educadores. Mas quem dá as diretrizes são os Fóruns Municipais de Alfabetização.”

Para Sebastião Rosa, do MOVA/São Paulo, as parcerias são o que mantém a autonomia do movimento. “Sem parceria, o movimento não cumpre seu papel, que é in-

cluir toda a sociedade no debate sobre a alfabetização.” Na capital paulista, seria impossível retomar o MOVA, depois de oito anos com as atividades paralisadas, se ONGs, empresas, sociedade civil organizada e prefeitura não estivessem envolvidas no processo: são mais de 33 mil alunos e 1.300 salas.

O próximo encontro do MOVA/Sudeste será realizado no dia 6 de fevereiro, em Embu.

Parceiros em ação e movimento

Mais do que patrocinar salas de aula, eles dividem com o MOVA a responsabilidade pela educação

“O bom é ser parceiro”, comenta Octavio Leite Vallejo, presidente do Sincodiv (Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos do Estado de São Paulo), antes de visitar uma das salas que patrocina. Parceiro do MOVA há dois anos, o sindicato mantém 10 salas, espalhadas por toda a região.

Foi a primeira vez que Vallejo entrou numa sala do MOVA. Conversou com os alunos e parabenizou-os pela dedicação aos estudos. “O esforço deles é um exemplo para toda sociedade, e prova que só com a educação é possível melhorar a vida”, afirmou, ao encerrar a visita.

O Sincodiv é um dos parceiros do MOVA, que além de contribuir financeiramente, participa ativamente do processo de educação de jovens e adultos, dividindo com a coordenação do movimento e com

o poder público a responsabilidade pela alfabetização.

Com a criação da OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), o MOVA ganhou respaldo jurídico, o que facilita as parcerias com o setor privado por dar maior transparência às suas contas. E também dá espaço para que os parceiros interfiram diretamente nas ações do movimento, ao participarem do Conselho Fiscal da OSCIP.

O gerente de Responsabilidade Social da Ford do Brasil, Hélio Perini é também membro do conselho e acredita que a relação de parceria contribui para o melhor desenvolvimento do MOVA. “A Ford, à medida que participa das discussões do movimento, estabelece um envolvimento mais aprofundado com a alfabetização. E assim podemos melhorar as ações, com a



Octavio Leite Vallejo, do Sincodiv, conversa com os alunos do MOVA

experiência que nós, do setor privado, desenvolvemos na gestão de recursos.”

A Ford é o maior e mais antigo parceiro do MOVA na região, patrocinando 25 salas, parceria que já entra no seu quarto ano. “É uma

relação que extrapola o objetivo inicial e cria vínculos com a comunidade. Quem se limita ao patrocínio só transfere a responsabilidade de ação para outros. Na parceria, todos os lados são beneficiados. E por isso dá certo”, afirma Perini.

Garotos-propaganda do MOVA

O fato de representantes do empresariado estarem dentro do MOVA faz com que eles conheçam bem suas características e atuem como uma espécie de multiplicadores de parcerias. “Podemos ser os interlocutores do MOVA com outros empresários e apresentar-lhes o Movimento. Na medida que o País tiver menos analfabetos, toda a sociedade tende a se beneficiar.

Teremos uma melhor qualidade de trabalho, uma melhor qualidade de serviços e de consumo”, explica Vallejo, que tam-

bém faz parte do Conselho Fiscal da OSCIP.

Para manter uma sala do MOVA funcionando, são necessários R\$ 300,00 por mês, quantia que cobre as despesas com material didático e a ajuda de custo recebida pelo educador. Atualmente, das 448 salas no Grande ABC, só 36 são bancadas pelos parceiros e, as demais, pelas prefeituras municipais. Mas a expectativa é que esses números cresçam em 2004, pela criação da OSCIP e pela possibilidade de se estabelecer convênio com o Brasil Alfabetizado (ver matéria na

página ao lado).

De acordo com o co-coordenador da Escola da Cidadania do Instituto Pólis, Pedro Pontual, é fundamental romper com os conceitos conservadores em relação às parcerias. “O movimento traz uma novidade histórica ao estabelecer parcerias com a iniciativa privada.

Caracterização

Elas não descaracterizam o MOVA, que continuará sendo o movimento popular. Não se pode impor limites para a ampliação do movimento de alfabetização. Ou correremos o risco de passar mais

10 anos sem superar o analfabetismo”, afirmou, durante o 2º Encontro Nacional de MOVAS, realizado no Grande ABC.

Para ele, a parceria não tem sentido filantrópico e não tira do Estado o papel de provedor de recursos para a educação. “Todos os setores da sociedade devem se mobilizar em prol da erradicação do analfabetismo. O MOVA, sozinho, não é suficiente para resolver os problemas educacionais brasileiros. É preciso atuar no âmbito econômico e político”, analisou.

O que eles falam

“Tirar alguém da cegueira cultural é um dos melhores atos que podemos fazer pela sociedade. Estamos contribuindo pela melhoria do trabalho na nossa comunidade. Apoiamos por convicção” – Octavio Leite Vallejo, presidente do Sincodiv



“As parcerias com movimentos ou instituições que tratam de questões relativas à preservação do meio ambiente e à educação são prioridade na política de responsabilidade social da Ford. É inconcebível fazer parte de uma comunidade como a nossa, onde o nível de analfabetismo é tão alto. Procuramos ser parceiros de ações que são exemplo de excelência e comprometimento. Por isso estamos com o MOVA” – Hélio Perini, gerente de responsabilidade social da Ford do Brasil.